

**CULTURAS
DESVIANTES:
ESPACIALIDADES
DOS POVOS
RIBEIRINHOS DO
VALE DO GUAPORÉ**

**CULTURES
DÉVIANTES:
SPACIALITÉS DES
POPULATIONS
RIVERAINES DU VALE
DU GUAPORÉ
CULTURES
DÉVIANTES:
SPACIALITÉS DES
GENS RIVERAINES DU
VALE DU GUAPORÉ**

**CULTURAS
DESVIANTES:
ESPACIALIDADES DE
PUEBLOS RIBEIRINHOS
DEL VALLE DEL
GUAPORÉ**

**AVACIR GOMES DOS
SANTOS***
avagsantos@yahoo.com.br

**MARIA GERALDA DE
ALMEIDA***

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS-
UFG
mgdealmeida@gmail.com

* Programa de
Pós-Graduação em
Geografia - Instituto de
Estudos Sócio-
Ambientais-IESA

Resumo: A compressão espaço-tempo é fenômeno natural? As consequências da modernidade são experiências universais? O cotidiano é tempo da mesmice? O lugar é espaço alienante? Este ensaio põe em xeque tais questões. Existem modos de viver não convenientes e nem convincentes as leis do mercado. Esses modos são encontrados nas cidades, vivências solitárias de *práticas desviantes*. Nas comunidades ribeirinhas amazônicas, a cultura desviante funda a existência. Caminhantes entre mundos: águas e florestas, os ribeirinhos do Vale do Guaporé vivenciam espacialidades fugitivas da concepção universal, totalizante e naturalizante do capital. Buscamos compreender a lógica das *culturas desviantes* no diálogo entre cotidiano, lugar, espaço percebido, concebido e vivido; assim, recorreremos à abordagem cultural e ao exercício da hermenêutica dupla. Na vida cotidiana, conjugada com o sentido de pertença ao lugar, indivíduos e grupos se desviam das formas consumistas de espaço/tempo. Uma *geografia desviante*, construída na totalidade do viver, pensar e fazer geografia é o caminho proposto para nos envolvermos nessas *vidas desviantes*.

Palavras – chave: *culturas desviantes*, comunidades ribeirinhas, Vale do Guaporé, *Geografia desviante*, hermenêutica dupla..

Résumé: La compréhension space-temps est-elle un phénomène naturel? Des conséquences de la modernité sont-elles des expériences universelles? Le quotidien est un temps de la mêmété? Le lieu est un espace aliénant? Ce essai a mis en échec ces questions. Il y a modes de vie qui ne sont pas convenables et pas convaincants pour à les lois de marché. Ces modes sont trouvés dans les villes, les vies solitaires des *pratiques déviantes*. Dans les communautés riveraines amazoniques, la culture déviante fonde l'existence. Des passants entre mondes: eaux et forêts, riveraines du Vale du Guaporé vivent spacialités fugitives de la conception universelle, totalisante et naturalisante du capital. On cherche comprendre la logique des *cultures déviantes* dans le dialogue entre quotidien, lieu, espace perçu, espace conçu et espace vécu. Ainsi on appelle l'abordage culturel e l'exercice de la herméneutique double. Dans la vie de tout les jours, combiné avec le sens d'appartenance au lieu, individus et groupes se détournent des formes consumistes du espace/temps. Une *géographie déviante*, construit dans la totalité du vivre, penser et faire géographie est le chemin proposé pour nous engager dans ces *vies déviantes*.

Mots-clé: *cultures déviantes*, communautés riveraines, Vale du Guaporé, *géographie déviante*, herméneutique double.

Resumen: La comprensión espacio-tiempo es un fenómeno natural? Las consecuencias de la modernidad son experiencias universales? Lo cotidiano es tiempo de vulgaridad? El lugar, es espacio enajenante? Este ensayo pone en duda tales cuestiones. Existen modos de vivir inconvenientes, dudosos y conflictantes con las leyes de mercado. Estos modos son encontrados en la ciudades, vivencias solitarias de *prácticas desviantes*. En las comunidades riberiñas amazónicas, la cultura desviante sirve de base la existencia. Caminantes entre mundos, aguas y selvas, los riberiños del Valle del Guaporé viven espacialidades

INTRODUÇÃO

Um grupo de pessoas vivia numa caverna. Elas estavam lá desde a infância, algemadas pelas pernas e pescoços de tal maneira permaneciam presas no mesmo lugar, não conseguiam movimentar a cabeça, por causa das correntes. A iluminação da caverna vinha da fogueira acesa ao longe, por detrás delas. Entre a fogueira e os prisioneiros havia um caminho ascendente, no qual fora construído um pequeno muro. Ao longo dele, homens caminhavam e transportavam objetos. Os moradores da caverna só conseguiam ver as sombras de si mesmos e dos vizinhos projetadas na parede pelo fogo. Eles julgavam as sombras como seres reais e o eco das vozes vindas de fora como sendo a voz das sombras que desfilavam a frente deles. Por acaso, um desses homens conseguiu se livrar das correntes, virou a cabeça, levantou-se, andou, olhou para o lado da luz e caminhou na direção da entrada da caverna. Quando, por fim, conseguiu sair, à intensidade da luz ofuscou sua visão. Aos poucos, o homem foi se adaptando a claridade. Ele ficou maravilhado com a beleza das coisas que passou a enxergar: rios, montanhas, flores, homens, objetos, florestas, bichos, constelações, céu, astros, lua e sol. Depois de certo tempo, o homem se lembrou dos antigos amigos. Sentiu pena deles e resolveu voltar para lhes contar todas as coisas extraordinárias que havia conhecido. Quando entrou na caverna, o aventureiro teve os olhos ofuscados pelas trevas. Antes de recuperar a visão, ele falava sem parar das novidades. Tentava convencer os amigos: as sombras não eram reais! Existe um mundo magnífico repleto de cores, aromas, sabores e paisagens lindíssimas! Naquele lugar, as pessoas vivem em liberdade! Os prisioneiros ficaram aterrorizados. O amigo voltara louco, endoidecido, eles concluíram. Afinal, como poderia um cego ver mais que eles? Como poderia existir um mundo diferente daquele onde eles viviam? De tanto falar, pular, gritar de euforia e, simultaneamente, se bater contra a escuridão, o homem caiu perto dos acorrentados. Enfurecidos, eles o agarram e o mataram. (Do Livro VII - A República - Platão. Adaptação Avacir Gomes dos Santos).

No desfecho original do mito da caverna, o aventureiro permanece vivo pelo fato de os companheiros estarem presos. Como na alegoria platônica, pessoas ou grupos sociais que vivenciam espacialidades e relações de forma diferenciada daquilo aceito como normal estão condenadas à ignorância da unanimidade. A morte física ou não do herói é questão secundária. O relevante é a ruptura epistemológica, o conflito cognitivo, a busca da “verdade”, a descoberta do real e o contato com o diferente provocado por operações, processos e práticas desviantes. Os devires, sonhos, desejos, são materializados nas aventuras dos desvios, espaços incertos, indicadores de novas possibilidades.

Uma excursão interna na estrutura do mito da caverna, contextualização, conflito, clímax e desfecho revelam sua gênese desviante. Sócrates, por meio da oralidade e, posteriormente, Platão, por intermédio da escrita, instituíram a verdade filosófica em detrimento da verdade mítica. Ambos ensinaram a seus seguidores a relativizar o mundo apreendido pelos sentidos. Na atualidade, é preciso filosofar sobre os discursos apregoados por Estado, religião, escola, família, partido, sindicato, televisão, internet, instrumentos aprisionantes da modernidade. As imagens por eles projetadas, as vozes que eles emitem, as verdades que defendem não são reais. O mundo é diferente daquilo que por eles é transmitido. “Conhece-te a ti mesmo”, pensa sobre tudo que é dado, espanta-te com o natural, nada é evidente. O mundo não é apenas o espaço mensurável. A paisagem não se resume ao visível. Estas eram *lições desviantes* num mundo regido pela vontade de deuses, titãs, ninfas, heróis, semideuses, escolhidos, cavalos alados, serpentes, monstros, enigmas e oráculos.

Subjacente à lógica da alegoria da caverna, está a imposição da escrita em detrimento à oralidade. Não sabemos se Sócrates teve uma existência física ou se Platão criou essa *persona* para corroborar e proclamar o que na época a sociedade não estava pronta para aceitar, os espaços são construções sociais realizadas pela vontade e necessidade humanas e não capricho das entidades divinas.

Além dessas operações desviantes, Platão ensina a mais importante das lições: o verdadeiro discípulo não segue o mestre. Não imita sua forma de ser. Ele o supera. Para superá-lo, desvia-se do caminho ensinado. O espaço percorrido não é fonte criadora, ele apenas confirma o “cristalizado”. Sócrates pregava o caminho da moral e da ética. Platão é o filósofo progenitor da razão, ele se volta para a comprovação das limitações das experiências

empíricas na busca da verdade.

Por meio da inspiração provocada pelo mito da caverna e suas lições desviantes elaboramos a escrita deste ensaio, organizado em quatro momentos. Inicialmente, o item, *Culturas desviantes: primeiras aproximações teóricas* é nossa tentativa de provocar uma reflexão filosófica e um exercício interpretativo da produção do conhecimento científico e, por conseguinte, da ciência geográfica. Partimos da discussão sobre modernidade e pós-modernidade para compreender como a ideia de cultura foi recriada no campo das ciências humanas e a contribuição da geografia humana e da abordagem cultural ao repensar tal conceito pela mediação das práticas e *culturas desviantes*.

No segundo momento, Lugar e cotidiano: espaço e tempo das culturas desviantes elegemos como elementos de análises geográficas os conceitos: cotidiano, lugar, práticas desviantes, espaço concebido, percebido e vivido. Consideramos que, enquanto fenômeno geográfico e social, as práticas desviantes estão submersas nas ondas virtuais e verticais das metrópoles. Mercado internacional, globalização, mundialização econômica, compressão tempo-espaço, ciberespaço, modernidade líquida, desterritorialização, exclusão sócio-espacial, escassez tempo-espacial, as práticas desviantes se materializam nesses contextos, no espaço/lugar e no tempo/cotidiano por meio de inúmeras operações.

No item três, Comunidades *ribeirinhas do Vale do Guaporé: mensageiras de culturas desviantes*, consideramos um grupo social determinado (os ribeirinhos do Vale do Guaporé) como exemplo de comunidade portadora da cultura desviante. Suas espacialidades, o viver entre mundos: águas e florestas, a forma de apropriação do espaço, a convivência em comunidade e o sentimento de pertencimento ao lugar e a vivência do tempo lento são elementos constituintes de *práticas desviantes*, subversoras do espaço-tempo mercantilizados.

No quarto momento, *Geografias desviantes: metodologias possíveis*, propomos um fazer geográfico desviante, capaz de compreender práticas e culturas que fogem à concepção dominante. Uma *Geografia Desviante* privilegiará espacialidades cotidianas na junção interdisciplinar, pois o espaço é vivência relacional, criadora, inventiva e formadora da concepção de mundo. Os aportes metodológicos da *Geografia desviante*, são apresentados por meio da *hermenêutica dupla*, constituída pela interpretação crítica, radical e totalizante das espacialidades culturais desviantes.

O conceito de *culturas desviantes*, a ser desenvolvido no transcurso deste ensaio, vem de releitura da tese defendida por Certeau (2001), a *“retórica do pedestre”*, apresentada na obra *“Invenção do Cotidiano”*. Segundo Certeau, por meio das práticas cotidianas, as pessoas ordinárias se apropriam e recriam o espaço pensado pelas lógicas aprisionantes.

O espaço define os corpos. Os corpos materializam o espaço e recriam espacialidades. As espacialidades ultrapassam a forma reducionista do espaço físico. Elas se manifestam, para além dos corpos, em práticas, linguagens, pensamentos, desejos, medos, sonhos, mentes, memória e células daqueles que vivem a aventura humana dentro dos espaços concebidos, vividos e desviantes da caverna.

Culturas desviantes: primeiras aproximações teóricas

A modernidade! A grande promessa das revoluções liberais teria alcançado o ápice na pós-modernidade? Vivemos o tempo e espaço das facilidades. Viagens cada vez mais rápidas e confortáveis. Formas variadas e ágeis de comunicação. Avanços nunca antes imagináveis na medicina, tecnologia e produção econômica. A expectativa de vida aumentou de forma significativa se comparada, por exemplo, ao início do século passado. Os intercâmbios entre culturas e crenças se intensificam notavelmente. Mas, como caixa de Pandora, as dádivas da modernidade se espalham junto aos elementos indesejáveis. Guerras, violências, doenças, epidemias, fome, miséria, xenofobia, desemprego, exploração, crises econômicas, escravidão são intensificados nos diversos espaços em graus e dimensões diferenciados.

Modernidade. Pós-modernidade. Modernidade líquida (BAUMAN, 2006). Pós-modernismo, pós-colonialismo e pós-feminismo. Segundo Bhabha: “nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver na fronteira do presente” (1994, p. 19).

No afã de se compreender os enigmas da nova ordem social são construídos paradigmas interpretativos como o elaborado por Giddens, o *sistema de pós-escassez* (1991). De acordo com o autor, “uma ordem pós-escassez envolveria alterações significativas nos modo de vida social” (1991, p. 165), o que implicaria a aplicabilidade de quatros pilares: ordem global coordenada, transcendência da guerra, sistema de cuidado planetário e organização econômica socialista.

A discussão referente ao fenômeno da globalização, por vez, chama à baila as questões de identidades, culturas, territorialidades, interculturalismo, desterritorialização, multiculturalismo, integração e formação de blocos econômicos. Moneta propõe (1991, p. 23),

[...] la búsqueda, por parte de las elites políticas y de diversos actores sociales, de un modelo de perfiles más endógenos, que procure incorporar y compatibilizar, de manera más equilibrada, la diversidad étnica, las limitaciones de los recursos económicos, los nuevos desafíos para el sistema político.

A proposta de Moneta tem como intuito promover a integração entre América Latina e Caribe, processo incapaz, segundo o autor, de ser gerenciado pelo Estado. Contrário à ideia de enfraquecimento das forças estatais no tangente a política interna e externa, Font (2006) defende uma *re-nacionalização* dos Estados nacionais. Para Damiani, “o lugar permanece a única coisa mensurável, em relação ao mercado mundial, este enorme espaço não mensurável” (1999, p.171).

Subjacente às discussões políticas sobre modernidade ou pós-modernidade, está em jogo a funcionalidade dos Estados-Nacionais no atual contexto econômico. Se o capitalismo, em sua fase mercantilista, durante o século XVIII, expandiu-se sob a égide do Estado, agora, na fase imperialista, teoricamente, essa instituição é vista como mal desnecessário. Resultante da globalização, surge a formação dos blocos econômicos como garantia da livre negociação. No entanto, ao primeiro sinal de crise, o Estado reaparece como guardião do capital. Aquele nunca esteve desvinculado deste. Para Arroyo (2006, p. 183), “não se trata, então, de um Estado ausente, mas sim de um Estado que opta por acentuar a porosidade de suas fronteiras territoriais”.

Essas propostas idealizam a reversão das consequências da modernidade, ou da pós-modernidade. O que elas têm em comum? Das macros às micros análises quais são convergentes? Qual o ponto de partida? As proposições defendem a complexidade da vida moderna como processo homogêneo, natural e universal. Logo, elas seriam aplicáveis aos indivíduos, grupos, povos, lugares e culturas dos mais variados espaços e tempos sociais.

Viveríamos todos os seis bilhões de seres humanos no tempo pós-moderno? As benesses, consequências e lógicas da pós-modernidade são experiências universais? A compressão tempo-espaço descrita por Harvey (1993), seria um fenômeno vivenciado pelas comunidades indígenas amazônicas? As comunidades extrativistas, do Norte Goiano, estudadas por Almeida (2005), caracterizadas como possuidores de identidades tradicionalistas, se deslocam para Goiânia com a facilidade usufruída pelos frequentadores da ponte aérea Rio/São Paulo? Ou da ponte Rio/Niterói? As notícias dos conflitos na faixa de Gaza chegam em “tempo real” aos moradores das comunidades do Vale do Guaporé (Rondônia) onde não existe energia elétrica? Não se vive apenas o espaço/tempo da pós-modernidade. Este espaço, como defende Almeida,

[...] além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos. Espaço pode ser, então, considerado como o lugar onde homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses. Cada espaço, tornando-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas (2003, p. 71).

Espaço, território, região, paisagem e lugar, são espacialidades vivenciadas e experienciadas pelas pessoas e grupos sociais de maneiras diferentes. Estes conceitos são elementos fundantes da cultura e das formas como as pessoas, no cotidiano, se apropriam dos espaços e criam narrativas históricas. Segundo Hall (1997), as tentativas de unificação, seja

das identidades nacionais, homogeneização de pensamento ou massificação cultural resulta, sempre, em processos de conquista violenta.

Cultura, conceito complexo, imagético e enigmático. Qual das ciências humanas ou sociais é capaz de ignorá-lo? Há cultura ou culturas? Estas são definidas a partir daquela? O sistema de objetos e sistema de ações, as técnicas e tecnologias seriam categorias geográficas infalíveis captadoras da complexidade dos grupos culturais? Existem culturas tradicionais e modernas? Quais parâmetros devem ser utilizados para definir o nível de cultura de uma sociedade? Que contribuições os geógrafos têm prestado à compreensão desse fenômeno eminentemente humano?

O conceito de cultura foi transformado em categoria analítica para vários campos das ciências humanas: geografia, história, antropologia, psicologia e sociologia. Na proposta que apresentamos, o conceito cultura é pensado além da lógica hegemônica. Esta, na tentativa de impor apenas uma concepção de mundo como verdadeira, universal e natural, condena ao ostracismo a ideia de culturas plurais. Como afirma Chauí (2000, p. 45),

[...] se considerarmos a cultura como ordem simbólica por cujo intermédio homens determinados exprimem de maneira determinada suas relações com a natureza, entre si e com o poder, bem como a maneira pela qual interpretam essas relações, a própria noção de cultura é avessa à unificação.

A cultura não é unificada, homogênea, totalizante, naturalizante e universalizante. Ela se constitui de elementos retransmitidos e reinterpretados permanentemente. “As entidades culturais do tipo americanas, indígenas, negras, são antes de tudo construções intelectuais” (CLAVAL, 2001, p. 51). Os resultados das pesquisas acadêmicas captam apenas uma ínfima parte daquilo que determinado grupo social produz e reproduz culturalmente. Partimos do seguinte pressuposto, cultura é vida, a forma como os agrupamentos humanos internalizam e externalizam, reciprocamente, a própria existência, a natureza, a sociedade e demais seres humanos. A cultura especifica o humano. Ela compõe o conjunto de saberes, crenças, valores, normas, atitudes, comportamentos, instituições, artefatos, técnicas, simbologias materiais e imateriais que os grupos criam, de que apropriam, e que recriam para assegurar a manutenção e preservação da espécie.

As práticas cotidianas: andar, comer, dormir, falar, vestir, lavar, ler, acordar, negociar, escrever, passear, nascer, morrer, cantar, cuidar da higiene pessoal, trocar informações, ouvir, realizar os ritos de passagens, comprar, nomear coisas, dançar, estudar, reproduzir, descansar, orar, morar e pensar revelam a fundamentabilidade da vida. Qual ciência, conhecimento ou saber seria capaz de retratar a totalidade da complexidade e riqueza das vivências e experiências humanas?

Nessa tentativa, o conhecimento científico se estrutura, a partir do século XVIII, como resultante das revoluções liberais, entre elas a revolução científica, que provoca a ruptura epistemológica da concepção teocêntrica. Desde então, homem, sociedade e natureza são concebidos como objetos de estudos quantificáveis e qualificados, em prol do desenvolvimento e progressos científicos e sociais.

Nesse sentido, os campos do saber procuraram se encaixar no novo paradigma. Para as ciências humanas esse será um processo árduo, tendo em vista a dificuldade de quantificar a subjetividade por meio dos pressupostos das abordagens mecanicistas das ciências naturais. A ciência moderna impôs às áreas de conhecimento a definição de seus respectivos objetos de estudos. Esta especificação era condição primeira à garantia de aceitabilidade e reconhecimento do *status* da racionalidade, nos cânones científicos.

A geografia e a história, no afã de se constituírem enquanto disciplinas, apostaram nas maiores abstrações da ocidentalidade: espaço e tempo. Aprovadas no primeiro teste científicoista, ambas, desde então, se agarram ao fio de Ariadne para não se perderem no labirinto da neutralidade e serem devoradas pelo “monstro” da subjetividade. Dessa forma a história clássica fragmentou seu objeto, o tempo, em: pré-história, antiguidade, idade média, história moderna e contemporânea. A geografia, por seu turno, agenciou para si os conceitos: território, região, espaço, paisagem e lugar, representados nas diversas escalas: global, mundial, continental, nacional, regional e local. É por meio destas categorias analíticas que os geógrafos se

lançam a procura de compreender os mistérios do existir humano. De acordo com Cosgrove (2000, p. 34),

[...] os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às relações com o mundo natural.

O desafio proposto por Cosgrove aos geógrafos culturais é corroborado por Claval (2001), não por meio da geografia cultural, mas da abordagem cultural, própria da geografia humana. Segundo Claval, “a abordagem cultural [...] conscientiza os geógrafos de que suas atividades fazem parte da esfera cultural e que é impossível construir uma abordagem científica livre de determinação cultural” (p. 52).

A esfera cultural contempla a forma como seres humanos criam e recriam signos, significados e significantes. Neste sentido, os grupos estabelecem intrinsecamente com o espaço relações sócio-culturais. Na proposta “Por uma Geografia do Poder”, Raffestin defende, “é por esses sistemas sócio-culturais que se realizam as objetivações, que são processos sociais” (1993, p.144). Tendo em vista que o espaço é relacional, Massey (2000), amplia esta visão ao apresentar as perspectivas da Geografia das Relações Sociais. A autora convida (2000, p. 184):

[...] imagine não apenas todo o movimento físico ou toda comunicação invisível, mas também – e especialmente – todas as relações sociais, as ligações entre as pessoas, as experiências da compressão tempo-espaço, as relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em diferentes níveis, da família à área local e até internacional”.

Mais recentemente, a Geografia das Representações busca compreender como as pessoas expressam, por meio das operações e representações cognitivas, suas experiências nas diferentes formas de apropriação do espaço. De acordo com Kozel, “caberia sobretudo à geografia das representações entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por meio da experiência (2002, p. 215).

A Geografia das Representações (KOZEL, 2002), a Geografia do Poder (RAFFESTIN, 1993), a Geografia das Relações Sociais (MASSEY, 2000) e a Abordagem Cultural (CLAVAL, 2001) ampliaram de forma significativa o campo analítico da geografia referente aos objetos, técnicas e métodos de investigação das espacialidades. Com o intuito de também contribuir com tal empresa apresentamos as primeiras aproximações do conceito de *culturas desviantes* e construção dos aportes teóricos da *Geografia*, por nós denominada *Desviante* por meio da abordagem cultural da geografia humana.

Segundo o Dicionário Aurélio, desvio significa: “ato ou efeito de desviar-se e afastamento da direção ou posição normal”. Definimos *práticas*, *processos* e *culturas desviantes* como operações que fogem a lógica estabelecida pela sociedade capitalista. Para Certeau, são práticas desviantes as “criações anônimas e perecíveis que irrompem com vivacidade e não se capitalizam” (2001, p.13).

Na análise sociológica, Durkheim (1999) foi o pioneiro nas formulações sobre teoria de *desvio social*. Ele criou o conceito de irregularidade ou enfraquecimento das normas que asseguram a ordem social, surgidas em consequência às mudanças produzidas pela divisão de trabalho. De tal forma, *desvio social* era caracterizado como todo e qualquer tipo de comportamento desviante das normas sociais. Não constituiria, necessariamente, uma transgressão da lei, mas sim uma não observância das normas.

A preocupação de Durkheim era identificar e analisar comportamentos ou fenômenos que poderiam colocar em desequilíbrio a harmonia social. Na atualidade, as ciências humanas, pelo contrário, buscam compreender como, apesar de todos os sistemas de controle e vigilância, os grupos sociais criam e recriam práticas que fogem às lógicas universais. Segundo Certeau, “é mister ocupar-se com maneiras diferentes de marcar socialmente os desvios operados num dado por uma prática” (2001, p. 15).

Num mundo gerido pela globalização e hegemonia em todos os domínios sociais onde encontrar espaços e lugares de vivências de práticas desviantes? As *práticas desviacionistas* estão em toda a parte no mundo moderno. Ao andar pelas cidades, caminhar pelas ruas, avenidas, praças ou boulevares, espaços institucionalizados, o caminhar recia traçados espaciais que fogem ao desejo disciplinar. A “retórica pedestre” (CERTEAU, 2001) se encontra revestida de práticas sociais apesar da existência dos espaços disciplinares. Os movimentos corpóreos criam espacialidades. “Nenhuma lei é inteiramente geral é absoluta” (LEFEBVRE, 2001, p. 7). Em contraposição às estratégias espaciais restam aos andarilhos a utilização de táticas que invertam a ordem estabelecida para consumo do espaço. Andar na passarela é seguro, mas é preciso criar *caminhos desviantes* e corporificar espaços proibidos.

Essa capacidade desviante e inventiva dos sujeitos andantes é aprofundada por Certeau (2001). Apesar das estratégias de controle espacial, o ser ordinário, o homem comum, é um ser inventivo, criativo e *bricoleiro*. Existem, segundo Certeau,

mil maneiras de jogar/defazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nessas estratégias de combatentes existe uma arte de golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor (2001, p. 79).

Não somente o cotidiano, vivenciado no presente do imediato, está pleno de *práticas desviantes*. A História brasileira oficial tem o *desvio geográfico* como mito fundador do país. A esquadra, comandada por Cabral, parte do Porto de Lisboa com o caminho determinado para chegar às Índias. Em 22 de abril de 1500, se desvia para Oeste da rota estabelecida por Vasco da Gama (FERREIRA, 1991). Por meio de *caminhos desviantes*, os navegadores encontram o Brasil. Belo mito fundador!

Durante o período de colonização, os “indígenas”, inicialmente, e, depois, os “negros” foram submetidos à lógica de dominação do conquistador europeu, no entanto, esses marginalizados sociais, seres desviantes, se revelaram capazes, segundo Certeau, de “metaforizarem a ‘ordem dominante’ fazendo funcionar as suas leis e suas representações ‘num outro registro’, no quadro de sua própria tradição” (2001, p. 18).

Presentemente, o cotidiano está pleno de práticas desviacionistas. Alunos gazeteiros se jogam em *aventuras desviantes* para além dos muros escolares. Outra *prática desviante* no cotidiano educacional é a cola - *processo desviante* no qual os alunos são especialistas. Escritas enigmáticas espalhadas pelas carteiras, tetos e quadro-giz; minúsculos manuscritos escondidos nas roupas, bolsas, cabelos, pernas, sapatos; códigos indecifráveis; gestos combinatórios; quando o professor descobre uma das táticas os alunos já estão há ano-luz de uma nova bricolagem (SANTOS, 2007).

Nos *campi* universitários, como em qualquer espaço controlado, as passarelas indicam o caminho a ser percorrido. Como é instigante ver entre elas os desvios construídos por meio das práticas caminhanças, silenciosas, incansáveis. Passarelas, desejo de controle dos corpos transeuntes. Desvios, práticas caminhanças daqueles, que consciente ou inconscientemente, negam a ordem estabelecida que em nome do “conforto” e “segurança”, determina “siga o modelo”. Como afirma Certeau: “os jogos dos passos moldam espaços” (2001, p. 176).

Como desdobramento do conceito *desvio social*, propomos a busca da compreensão dos grupos sociais por meio do conceito *desvio cultural*, práticas subversoras da ordem social. O conjunto dessas práticas permite a construção do conceito *culturas desviantes*. Recorremos aos pressupostos apresentados por Santos (2003) para a formulação do conceito *comunidades desviantes*. Nas comunidades que fogem à lógica do mercado capitalista, as relações entre setores da vida social são vivenciadas de forma mais direta, sem interferência constante dos objetos. Existe, nas práticas cotidianas, uma *territorialidade genuína*,

Isto cria um sentido de identidade entre as pessoas e o seu espaço geográfico, que lhes atribui, em função da produção necessária à sobrevivência do grupo, uma noção particular de limites, acarretando, paralelamente, uma compartimentação do espaço, o que também produzia uma idéia de domínio. [...] A política do território tinha as mesmas bases que a política da economia, da cultura, da linguagem, formando um conjunto indissociável (SANTOS, 2003, p. 62).

As relações econômicas, sociais e políticas nas *comunidades desviantes* são definidas com base no sentimento de pertença ao território. Mais que porção física, o território é relacional, pois resulta das relações que os indivíduos estabelecem entre natureza e cultura. “O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (SANTOS, 2003, p. 96).

Na atualidade, os sistemas midiáticos organizam e controlam as formas de comunicação e socialização, as quais se tornaram tanto virtuais quanto reais. É quase impossível imaginar o mundo sem computador, internet, e-mail, msn, orkut, e outras parafernalias tecnológicas. Nas comunidades desviantes, a informação sobre os acontecimentos tem por base a interação presencial, assim, de acordo com Santos: “o testemunho das pessoas que vinculam o que aconteceu pode ser cotejado como o testemunho do vizinho” (2003, p. 40).

O sentimento de pertença e laços indetentários são elementos fundadores e fundantes da comunicação estabelecida entre grupos culturais. As comunidades virtuais se constituem por meio da internet. Nas culturas desviantes a comunidade é formada muito mais pelo testemunho, ver, ouvir, tocar, falar, caminhar junto e com o outro.

As culturas definidas por Santos como tradicionais, consideramo-las culturas desviantes, nessas culturas a lógica da vizinhança e pertencimento, sobrepõem-se à lógica do capital. As espacialidades são vivenciadas por meio da apropriação e uso do espaço vivido. Nesse contexto, “as pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar às manifestações que são a contraface do pragmatismo” (SANTOS, 2003, p. 114).

As *práticas desviantes* constituem contra-racionalidade e racionalidades paralelas classificadas como irracionalidades. No entanto, as comunidades desviantes não são desprovidas de racionalidades, mas suas concepções de mundo fogem às racionalidades ditadas pelas lógicas *capitalísticas* (DELEUZE, 2005). As práticas e *culturas desviantes* são vivenciadas em espaços vividos não capitalizados pela lógica do mercado.

LUGAR E COTIDIANO: ESPAÇO E TEMPO DAS CULTURAS DESVIANTES

O espaço é espectro da compartimentação (SANTOS, 2001). Nas culturas desviantes, de forma contrária, o espaço é vivencial, relacional, envolve pessoas, bichos, plantas, águas, terra e astros. O espaço é vida. Ele não é continente, país, região, território ou estado. Estas são elucubrações teóricas. O espaço é lugar. “Eu quero uma casa no campo, onde eu possa guardar meus amigos, meus discos e livros e nada mais”¹. Assim, o espaço é o lugar, o ínfimo pedaço do universo onde nada das inquietações humanas pós-modernas tem sentido.

O lugar é idílico sedutor dos poetas, filósofos, apaixonados e sonhadores. Cantado em prosas e versos, ele se constituiu no elemento de maior identificação entre pessoas. Nos encontros cotidianos e relações ordinárias, saber o lugar de onde o outro vem é a segunda, quando não a primeira informação requerida. O lugar tem conduzido os seres humanos rumo à “terra prometida”. Os desterritorializados, definidos por Haesbaert (2002) como *excluídos sociais*, são os que perderam a referência do lugar, do seu pedaço de chão, e vagam a ermo, guiados pelo sonho de retorno à terra natal.

A busca, conquista e manutenção do lugar tem guiado os indivíduos em suas aventuras migratórias. A geografia também buscou seu lugar no panteão das ciências. Para conquistá-lo, a produção geográfica desconsiderou as pessoas que ficaram penduradas no espaço, no território, na região e na paisagem. A atitude de aceitação dessas categorias em detrimento do lugar e cotidiano foi justificada pela imposição do cientificismo que elegera as macroestruturas como objetos dignos de pesquisas científicas e únicos referenciais capazes de captar a realidade social ou fenômenos naturais.

O lugar, para a geografia humana, geografia cultural e abordagem cultural é um conceito apaixonante. Pela sua mediação os geógrafos compreendem as espacialidades dos indi-

¹ Trecho da música “Casa no campo”, composta por Rodrix e Tavito e interpretada por Elis Regina.

víduos reais e se tornam sujeitos reais para aqueles que imaginam os geógrafos apenas trancados nos laboratórios. A subjetividade, a identidade e sentimento de pertencimento são categorias que indicam se X espaço é ou não lugar. Pois, como defende Tuan:

[...] os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar (1982, p. 149).

Pensar o lugar em Geografia implica a consciência da existência do outro. É o indivíduo que vive no/do lugar. Não se pode apagá-lo desta categoria analítica como foi apagado em outras. Não há compreensão do outro sem conhecimento do lugar por ele constituído. O lugar na perspectiva humanista será representado pela emoção, seguridade, estabilidade emocional, harmonia, equilíbrio; pelas relações afetivas estabelecidas no espaço. Nesta lógica, Tuan defende: “o espaço transforma-se em lugar a medida que adquire definição e significado.” (1983, p. 151)

Onde os geógrafos humanistas e culturais encontrariam o lugar? Onde ele está? No campo? Na fazenda? Na metrópole? No subúrbio? “Ou numa casinha de sapé”? Carlos responde: “é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria a metrópole” (1996, p.20).

Consideramos o lugar como espaço relacional e vivencial. Para quem nasce na metrópole, passa a infância nos playground, parques temáticos, vivencia a adolescência nos shoppings, cinemas, teatros, shows, exposições, videogames, lan-houses, praças de alimentação, encontros diários nas praias, boates, baladas noturnas, viagens de férias no exterior, o simples pensamento de viver numa vila, num lugarejo onde inexistem esses locais, sem acesso a energia elétrica, água encanada, computador, internet, x-burguer, o campo é uma visão aterrorizante.

A “selva de pedra” é o lugar para os “bichos” da cidade, pessoas que estabelecem com a cidade sentimento de pertença. Nesta perspectiva do lugar enquanto espaço relacional somos adeptos da *interpretação alternativa do lugar*, proposta por Massey (2000). Para ela, o lugar, passa ser imaginado,

[...] como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (op. cit., p. 184).

O lugar é relação, vivência, sentimento, significação. A consciência individual ou coletiva do grupo cultural vai definir em que espaços as relações de pertença serão estabelecidas. Como afirma Santos (2001, p. 114), “o lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a renovação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro”.

Definimos o *lócus* sobre o lugar com intuito de reafirmar que nas *culturas desviantes* as espacialidades ultrapassam o espaço coisificado e tempo alienado. Assim, compreendemos cotidiano como espaço/tempo da cotidianidade. De acordo com Martins (2000, p. 104), “na cotidianidade [...] a vida se torna um modo de vida marcado por uma sociabilidade teatral, pela representação (por fazer presente o ausente) e pela fabulação”.

Cotidianidade, tempo e espaço vivido não se configuram como conjunto alienado de conhecimentos e práticas destituídas de lógica, ao contrário, estão repletos de *significados* que exigem complexos deciframentos, para se estabelecerem as resignificações espaciais de determinada comunidade. A cotidianidade, vivência da totalidade no espaço, comporta complexos, símbolos, fabulações, significados, teatros, narrativas, imaginários, arquétipos, ficções, histórias, realidades e sonhos. Que ciência humana, com o seu método na algibeira, está apta à caça destas belezas voadoras da vida?

COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO VALE DO GUAPORÉ: MENSAGEIRAS DE CULTURAS DESVIANTES

Além de pontuar elementos, práticas e processos caracterizadores de *culturas desviantes* presentes no cotidiano do mundo urbano, evidenciamos as formas pelas quais comunidades *ribeirinhas* podem ser consideradas como constituídas e constituintes das culturas desviantes. Para tanto, especificaremos esta hipótese por meio da análise das comunidades ribeirinhas localizadas a margem direita, do Vale Guaporé, no estado de Rondônia.

A formação dos agrupamentos humanos denominados de *ribeirinhos* está relacionada com a história de ocupação da Amazônia no transcorrer do século XIX. Em 1877, levas de migrantes nordestinos foram “recrutadas” por seringalistas para áreas de seringais às margens dos rios Amazonas: Negro, Madeira, Abunã, Ji-Paraná, Acre, Mamoré, Purus e Guaporé. Nesse primeiro momento a ocupação da região amazônica foi organizada às margens dos rios, para em seguida, se direcionar rumo a floresta. Esse movimento de ocupação da margem para o centro foi motivado pela presença das comunidades indígenas, não aculturadas, o que futuramente ocorreu pelo processo de inculcação promovido pelas ordens religiosas, principalmente os jesuítas.

O final da Segunda Guerra provocou a decadência dos seringais amazônicos. As colocações de seringas formadas ao longo das margens dos rios em pontos estratégicos para ocupação e controle do espaço, são esquecidas em detrimento de novos processos de exploração da Amazônia². Ao longo de um século de ocupação esse grupo recriou um novo modo de vida, marcado por vivências espaciais, que fogem a lógica do espaço concebido, para ordenação da cidade urbana.

Segundo o Dicionário Aurélio, “ribeirinho é o indivíduo que se encontra ou vive próximo aos rios ou ribeiras”. Mais que uma designação semântica o ser ribeirinho compreende uma cultura entre mundos, *cultura desviante*, materializada em práticas cotidianas vivenciadas com a natureza, no espaço criado e recriado entre o rio e a terra firme e, no lugar, à beira do rio, onde o ato criativo interliga os dois mundos.

O rio é o elemento fundante das espacialidades na vida do ribeirinho. Ele é fonte de sobrevivência. O rio é o espaço socializado e socializante. O lugar de todos e para todos. Dele os ribeirinhos retiram o principal alimento. A maioria das pessoas na comunidade praticam a atividade da pesca. O pescado pode ser comercializado ou utilizado como elemento direto de troca com mercadorias de primeira necessidade. A plantação e a criação são atividades econômicas secundárias.

Além da sobrevivência o rio garante a mobilidade do grupo. Pelo rio, o pescado chega à cidade; as mercadorias das cidades chegam à comunidade; pessoas se deslocam para outros locais. Mais que espaço de separação, o rio é espaço de união e encontro. O rio é o lugar do devaneio, sonhos e significados da vida. O rio é o elemento poético. Dele surgem as lendas, mitos, histórias, causos. Ele se constitui como fonte socializadora entre as gerações.

Os ciclos da natureza, representados pelas cheias do rio influem diretamente na dimensão espacial. A cada período das cheias, de setembro a março, o desbarrancamento das margens do rio faz com que as pessoas da comunidade reorganizem o espaço doméstico e do cultivo. As casas de palafitas vão sendo recuadas das margens. A reorganização espacial de casas, plantações e criações no período da seca é realizada como forma de a comunidade se preparar para o tempo das cheias. Nessa temporada, dependendo da força das águas, o rio leva tudo que encontra pela frente. Assim, para as comunidades ribeirinhas, o rio é repleto de significados. Lugar de garantia da vida, destruição, encontro, desencontro, sonhos e vivências, medos e alegrias.

² As questões relacionadas aos processos de ocupação, colonização, territorialização e as práticas culturais dos espaços amazônicos foram por nós apresentadas no 53º Congresso Internacional de Americanistas, “Os povos americanos: mudanças e continuidades. A construção do próprio no mundo globalizados”, realizado na Cidade do México, no período de 20 a 24 de julho de 2009, para maior aprofundamento ver Santos e Almeida (2009).

As comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé (Rondônia) foram capazes de recriar, a partir das vivências espaciais, formas totalizadoras na mediação entre ser humano, cultura, sociedade e natureza. Este é o pressuposto fundante desse ensaio, que ensaja compreender como as *espacialidades desviantes* inferem na formação cultural e histórica desse grupo social.

Os ribeirinhos são seres vivos *entre mundos*. Vivem entre mundos: o mundo das águas e mundo da terra firme; ordenam o cotidiano entre tempos: o tempo das chuvas e tempo da estiagem; recriam o imaginário por meio dos lugares imaginários: seres das águas e seres da floresta; dinamizam as práticas sociais entre mundos de pertencimento: lugar e não-lugar. Essas múltiplas espacialidades (re)configuram os sentidos do esfumato. Loureiro (1995, p. 38) define esfumato como,

[...] zona indistinta, vaporosa, difusa ou esbatido no sombreado dos desenhos, na cultura amazônica está representado pelo devaneio – atitude sem repouso, mas tranqüila do imaginário. Provoca a interpenetração das realidades do mundo físico com as do mundo surreal, criando uma zona difusa na qual a imaginação e o entendimento reproduzem o jogo que possibilita a existência da beleza.

Assim é o Vale do Guaporé, planície composta de águas, florestas e gentes. Nos interstícios dos rios, igarapés, poços e cachoeiras os povos ribeirinhos vivem a aventura do mundo imaginário em caminhos desviantes. Sonham com a chegada do próximo barco, sonham e, muitas vezes, sofrem com a chegada das chuvas. O rio é meio de subsistência e fonte imaginária que sustenta a cotidianidade e sentimento de pertença ao lugar.

O Vale do Guaporé é formado pelo mundo das florestas e matas quase intransponíveis. Andar pela floresta não é fácil para um cidadão, mas o é para o ribeirinho acostumado com o tamanho e emaranhado das árvores, a diversidade de bichos, o calor amazônico, a beleza das plantas, o cheiro do mato, o voo dos pássaros, o som e a força incontrolável das águas. A floresta é o mundo que encanta, mas que pode apavorar quem vive fora desse lugar. Florestas e rios se formam em amálgamas desviantes nas paisagens guaporeanas.

A diversidade de agrupamentos humanos nas planícies do Vale do Guaporé constitui a multiplicidade e singularidade das culturas locais, sua maior riqueza, marcada pela mediação das culturas dos índios, negros, sulistas, nordestinos, caboclos, migrantes de toda a parte do Brasil e povos bolivianos, os quais estabelecem entre si relações de reciprocidade, conflitos, desavenças, brigas, encontros, desencontros, negociações, massacres, tréguas e ataques, fenômenos humanos próprios das disputas territoriais.

Na efervescência dos espaços amazônicos, as comunidades que vivem das e nas florestas e ribeiras, na criação e reprodução do seu *modo de vida*, vivenciam processos de alteridades, entrecruzamentos, as culturas são intercambiadas, mesclam-se, superpõem-se, morrem, renascem e se revigoram-se constantemente. A vivência entre mundos: águas e florestas; povos e culturas constitui a simplicidade e complexidade do Vale do Guaporé. Navegar por essas águas límpidas, turvas, tumultuadas, acalentadoras é o nosso desafio e dever.

GEOGRAFIAS DESVIANTE: METODOLOGIAS POSSÍVEIS

As pessoas e grupos sociais, apesar das instâncias e aparelhos controladores existentes no cotidiano da cidade, vivenciam *práticas desviantes*. Em um espaço mais singular, encontramos as comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé, portadoras de *espacialidades desviantes*. Qual geografia e qual método seriam capazes de compreender as lógicas desviantes? Propomos, a partir de releituras de Certeau (2001), a formação da *Geografia desviante* e, com base nas contribuições de Sahr (2007), a aplicabilidade da *hermenêutica dupla*.

Em nossa proposta de *geografia desviante*, o exercício geográfico é percebido como fazer duplo entre práticas instituídas e práticas *desviantes*. Neste sentido, geografizar é sistematizar espacialidades, sintetizar culturas, compreender as lógicas dos espaços percebido, concebido e vivido; é estar atento e predisposto a múltiplos movimentos: pensar dialeticamente, a partir das proposições científicas, envolver-se nas vivências cotidianas e práticas sociais, retomar a análise sistematizada a fim de fazer aflorar a riqueza, complexidade e diversidade das espacialidades humanas, representadas por meio dos arranjos e configurações espaciais, que fogem à lógica homogênea do capital.

Nas *Geografias desviantes*, os fazeres geográficos valorizam as culturais plurais e espacialidades portadoras de inventividades e criatividade humanas. Para *geografias desviantes*, o método é instrumento apreendedor da realidade, considerada como unidade entre natureza: humana, social, “natural”, cultural, espacial e histórica. Esse método se caracteriza como uma das possibilidades de análise geográfica. Caracterizamo-lo como *hermenêutica dupla* com base nas leituras de Sahr (2007), sobre semiótica da espacialização na geografia cultural.

A *hermenêutica dupla* é instrumento de apreensão da realidade que capta a totalidade dos fenômenos e fatos na sua unidade entre signo, significado e significante, domínio e apropriação, razão e emoção, lugar e não-lugar, e demais dicotomias espaciais pensadas e instituídas pela razão iluminista de forma fragmentada. De acordo com Sahr, fazer geografia expressa, consequentemente, uma ação dupla: “a construção de um objeto científico e a compreensão do fazer geográfico cotidiano embutido no sentido comum [...] Dessa maneira, a reflexão científica se sobressai à cotidianidade numa *hermenêutica dupla*” (2007, p. 58).

Nesse sentido para apreendermos os significados das vivências *entre mundos* das e nas comunidades ribeirinhas, uma *hermenêutica dupla*, aparece-nos no horizonte acadêmico como método de interpretação capaz de auxiliar a busca de compreensão das espacialidades dos grupos sociais organizados por meio de *práticas e culturas desviantes*.

A pesquisa na geografia humana exige mais que a descrição dos lugares e modo de vida dos grupos culturais. Por isso, a proposta de aplicabilidade metodológica da *dupla hermenêutica*, a qual tem a descrição como ponto de partida, mas avança para a realização de leitura e interpretação das espacialidades geográficas de forma radical, crítica e totalizante (SPOSITO, 2004).

Uma análise geográfica *radical* implica em investigar a raiz das espacialidades dos grupos sociais em sua natureza mais profunda, sem restrições ou limites. Uma comunidade nunca é apenas o resultado dos determinantes físicos e econômicos visíveis por meio das paisagens geográficas. Por meio da valorização das formas é possível captar os conteúdos, identificar as estruturas fundantes que sustentam e recriam a dinamicidade do grupo pesquisado.

A análise radical se preocupa também em identificar e refletir sobre a forma de produção do espaço. O que prevalece nas *comunidades desviantes* são as imposições do espaço percebido, concebido ou vivido (LEFEBVRE, 1983; 2001; 2004). Defendemos que apesar das determinações do espaço concebido e percebido, os grupos sociais no espaço vivido, cotidiano e lugar, são capazes de formularem *práticas espaciais desviantes* a fim de se libertarem das esquizofrenias e recriarem espaços de liberdade e ludicidade.

A postura *crítica* frente ao desenvolvimento da *pesquisa desviante* não é procedimento simples. Posicionar-se criticamente não significa estabelecer julgamentos de valores dos grupos culturais alheios ao pesquisador. Segundo Sposito a postura crítica implica em: “ter cuidado de saber estabelecer critérios, e ter critérios é possuir uma norma para as tomadas de decisões” (2004, p. 66).

Quais são os critérios que devem ser estabelecidos para se decidir sobre o que é ou não relevante para a pesquisa? Qual o tipo de relação a ser estabelecido entre pesquisador e a comunidade pesquisada? O que ambos esperam um do outro? O que será permitido ou não ser “revelado” pelo pesquisador? A priori seria contrassenso indicarmos a condução destas questões. Elas estão relacionadas com a própria visão, a ética e compreensão de mundo do pesquisador, a ele cabe a decisão de suas escolhas.

Na *geografia desviante*, um pressuposto básico é a ideia de *totalidade*. A parte contém o todo, ou este é constituído pelas partes? Estamos envoltos num dilema ontológico. De qualquer forma, por maior que seja a fragmentação do objeto de estudo é incoerência pensar o espaço como simples forma separada de um conteúdo social, histórico, simbólico e cultural. Pensar a materialidade espacial é a primeira etapa da pesquisa e tem importância *sine qua non* para que outros atributos possam ser considerados. O espaço não é vazio, neutro ou harmônico. O espaço é totalidade construída socialmente. Ele se constitui *entre mundos*: ordenamentos e desvios, ordem e desordem; rigidez e flexibilidade; heterotopias e isotopias; inclusão e exclusão; proibido e permitido; ruptura e sutura; continuidade e descontinuidade.

Querer ver o único, o igual, a parte, a forma, a matéria, o objeto, sem considerar a lei dos contrários é se perder nas tramas da pesquisa. As comunidades, grupos sociais, fenôme-

nos naturais e fatos sociais são múltiplos de significados. É preciso enxergá-los, percebê-los e compreendê-los pelo caleidoscópio das vivências sociais e, não exclusivamente pelo binóculo da ciência. Uma geografia que segue a ordem do percurso cientificista sobrevive de homogeneidades. Desviar-se desse caminho é proposta da *geografia desviante*.

CONCLUSÃO

A conclusão é uma exigência da produção acadêmica. No entanto, nada está acabado, o caminho não está pronto, nosso intuito não é nivelar, cimentar ou cristalizar as ideias sobre *culturas desviantes*. Nossa pretensão é lançar novas sementes no campo da geografia e nas abordagens culturais, a fim de fazer reflorir o espírito de inquietude pelo desvio, o errante, o cotidiano, o lugar, a ida ao campo, o navegar pelos rios, o caminhar entre as ondas verticais da cidade ou no emaranhado das florestas, o encontro com o outro, as práticas e espacialidades perdidas nos desvãos das pesquisas acadêmicas.

As *práticas desviantes* perpassam imaginário, poesia, arte, lendas, músicas, dramas shakespearianos, filmes, literatura, filosofia, ciências, religião e se materializam nas atividades, ações e comportamentos vivenciados no cotidiano. Heróis lendários, míticos, “reais”, foram e são aqueles que descumpriram a ordem, subverteram-na, criaram novas possibilidades. A epígrafe deste ensaio, o mito da caverna, exemplifica como as *práticas desviantes* marcam a gênese da formação cultural no ocidente. Os caminhos percorridos são ahistóricos, os desvios, pelo contrário, estão grávidos de possibilidades.

O sujeito portador das *práticas desviantes* é o homem comum, o indivíduo ordinário, o marginalizado que por meio da lida cotidiana: fazer, andar, falar, vestir, comer, trabalhar, conversar, inventa formas de apropriação dos espaços interditos, novos objetos e ações que não foram pensadas e, portanto não podem ser controladas pelos sistemas disciplinares que anseiam a homogeneidade como garantia de controle de poder. O que a geografia, a sociologia e a história entendiam como alienação passa a ser percebido como inventividade, criatividade e formas de resistências.

Cotidianidade e espacialidades são práticas históricas e sociais. Seus significados se materializam nas formas, repletas de conteúdos: símbolos, imaginários, devires, desejos, signos, significados e *poiésis*. Os conteúdos e formas inferem dialeticamente nas configurações espaciais vivenciadas nos lugares. Consideramos o lugar o lócus não apenas das relações harmoniosas, mas também conflituosas. O lugar não é somente espaço de refúgio das perturbações da vida moderna. Ele é movimento e, pausa, conforme nos lembra Tuan (1983) além disso, o lugar é uno e múltiplo, singular e diverso, harmônico e contraditório, quimérico e simbólico, dinâmico e alienante e ofegante e poético, como nos ensina Massey (2000).

As comunidades providas e provedoras de *culturas desviantes* vivenciam formas diferenciadas de espacialidades e temporalidades modeladas na totalidade entre cotidiano e lugar. A temporalidade não é efêmera, virtual ou fugaz. A materialização de *práticas desviantes* exige o tempo da longa duração, da repetência, o fazer repetitivo, até o momento em que se descobre o inusitado, o diferente, o desvio. As *práticas desviantes* ocorrem no tempo da cotidianidade. O cotidiano, o repetitivo, o banal, o comum, o coloquial foram concebidos pelas ciências humanas como tempo insignificante. Recentemente, esse paradigma foi ultrapassado. O cotidiano é o tempo da repetição, mas também da inventividade e criatividade, elemento chave dos processos desviantes.

Práticas, culturas, processos e *geografia desviante* são os elementos que compõem a tese desenvolvida nesse ensaio. Para corroborá-la, indicamos fazeres vivenciados no espaço citadino caracterizadores das práticas desviantes, como andar por meio de desvios nos espaços funcionalmente instituídos. As comunidades ribeirinhas amazônicas, em especial, as do Vale do Guaporé, são consideradas como portadoras não somente de práticas, mas de *culturas desviantes*, por serem capazes de constituírem lógicas de apropriação do espaço e formas de socialização e sociabilidades que se desviam das lógicas de produção e consumo perpetuadas pelo modo de produção capitalista. Existem mundos diferentes da lógica excludente capitalista, a beira dos rios amazônicos é um desses lugares.

Para a busca da compreensão da simplicidade, complexidade e singularidade do modo de viver das comunidades ribeirinhas, propusemos o desenvolvimento da *geografia desviante* e *hermenêutica dupla* enquanto epistemologia e método de pesquisa capazes de captar tama-

nha riqueza na mediação entre mundos, espaços, cotidianos e lugares entre a ciência e vida cotidiana; significado e significante; nível material do espaço e nível simbólico; reflexão sobre o espaço e experiência no espaço; liberdade e ação; determinismos e possibilidades; sujeito e objeto; forma e conteúdo, realidade, desvios e devaneios; sonhos e utopias.

Quicá o sol derreta a cera das verdades cristalizadas a fim de que o sonho do voo das *culturas desviantes* se materialize!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda e RATTI, Alessandro JP. (Orgs) Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, p. 71-88, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. In: Revista da ANPEGE, n 02, p. 103-114, 2005.

ARROYO, Mônica. A vulnerabilidade dos territórios nacionais Latino-americanos: o papel das finanças. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de, et alii (Orgs). Questões territoriais na América Latina. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP, p. 177-190, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidad líquida. Fondo de Cultura Económica de Argentina S. A.: Buenos Aires, 2006.

BHABHA, Homi K. Locais da Cultura. In: O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, p. 19-42, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? In: O lugar no/do mundo. São Paulo: HUCITEC, p.19-26, 1996.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 6ª ed., Petrópolis, Vozes, 2001.

CHAUÍ, Marilena Souza. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. 8ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultura na compreensão da ação humana. In: ROZENDAL, Zeny e, CORRÊA, Roberto Lobato. Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 35-86, 2001.

COSGROVE, Denis. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: ROZENDAL, Zeny e, CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, p.33-59, 2000.

DAMIANI, Amélia Luisa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, p. 161-172, 1999.

DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. 14ª ed., São Paulo: Editora Nacional 1990.

FERREIRA, Olavo Leonel. História do Brasil. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1991.

FONT, Joan Nogué e RUFÍ, Joan Vicente. A desconstrução do Estado. In: Geopolítica, identidade e globalização. São Paulo: Annablume, p. 104-128, 2006.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GUATTARI, Félix & ROLNÍL, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: Território territórios. Niterói, PPGEO - UFF/AGB, p.19-38, 2002.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-70, 1997.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1993.

- KOZEL, Salete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salete (Orgs). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: UFPR, p. 215-232, 2002.
- LEFEBVRE, Henry. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henry. Lógica formal e lógica dialética. 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. A cultura amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARRANTES, Antonio. (Org). O espaço da diferença. São Paulo: Papirus, p. 177-185, 2000.
- MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- MONETA, Carlos Juan. Identidades y políticas culturales en proceso de globalización y integración regional. In: MONETA, Carlos Juan e CANCLINI, Nestor García (Coords). Las industrias culturales en la integración latinoamericana. México: Grijalbo, p.21-33, 1999.
- PLATÃO. A República. Livro VII. 7ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- RASFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e espaço mundos – a semiótica da espacialização na geografia cultural. In: KOZEL, Salete et alii (Org.) Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, p. 57-79, 2007.
- SANTOS, Avacir Gomes dos Santos e ALMEIDA, Maria Geralda de. Os filhos da terra e os filhos sem terra: as formas de inclusão e exclusão de espacialidades culturais vivenciadas em Rondônia. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org). Territorialidades na América Latina. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/FUNAPE, p. 44-58, 2009.
- SANTOS, Avacir Gomes dos Santos. Professora pra que esta prova tão grande? É pra te testa melhor. In: SANTOS, Nilson (Org). Alinhavos em ciências humanas. Porto Velho: EDURFRO, p.121-136, 2007.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanista. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org). Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, p. 143-164, 1982.
- TUAN, Yi-Fu. Experiências íntimas com lugar. In: Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, p.151-164, 1983.

Recebido para publicação dia 03 de março de 2009

